

4 Conclusão

O trabalho de análise empreendido nessa dissertação procurou enfrentar alguns dos desafios propostos pela obra de João Gilberto Noll. E precisamente, um desafio, que é procurar entender que lugar é esse que ocupam seus protagonistas como representação do homem contemporâneo, ou melhor, procurar visualizar, em sua produção literária, aspectos arduamente discerníveis da condição humana atual, a qual o autor procura evidenciar em sua escrita. Essa condição humana se realiza, em sua obra, por meio da exposição do sujeito, que surge despedaçado e deslocado, imerso num fluxo incessante de desencontros com o outro e, principalmente, consigo mesmo, levando-o sempre para uma violenta viagem limítrofe, na qual – espera-se – irá de encontro a algum tipo de redenção.

Assim, no confronto com a questão da representação do sujeito na obra de Noll, voltamos nossa atenção para a figura da personagem, e especificamente do protagonista, para observarmos como é construída essa subjetivação. Entender a construção dessa figura narrativa seria fundamental para solucionarmos algo como um mistério que cerca as personagens do autor. Diante de tamanha deserção da realidade, empreendida por seus personagens desde seu primeiro livro de contos, coube, nessa investigação, buscar compreendê-los fora de uma descrença declarada na condição atual do homem, o que geraria uma contradição com o discurso do próprio autor, tão preocupado com a individualidade particular do humano e com o mistério da alteridade, sempre presente em sua existência. Dessa forma, não caberia observar seus protagonistas como sujeitos descabidos de sentido, fraturados, compondo-se como um cubo-mágico, um mosaico indecifrável, sendo um reflexo da desorientação e do despedaçamento do homem contemporâneo. Seria preciso aprofundar o olhar sobre os aspectos formadores desse sujeito que aparece em sua obra, tentando atingir alguma compreensão sobre como ele pode ser visto afirmativamente, mesmo em sua evidente precariedade.

Para sustentar essa hipótese, foi preciso voltar-nos para a fala do autor, fundamental para elevar diretrizes sobre as quais andaríamos, de modo que não deturpássemos, em uma leitura muito pessoal, os objetivos, mesmo vagos, que

Noll deixava claros em seu discurso sobre a literatura e sobre a sua escrita. Dali que pudemos considerar suas personagens tão sucateadas como um produto da imagem da época sobre o autor, de seu desejo de fazer um afresco de seu tempo, o que só foi possível no borramento fugaz talhado pelos rastros e falências de suas personagens. Rastros, porque nada é evidência, mas suspeição. Falências, porque é na sucessão de fracassos e abortos desse sujeito que ele irá se refazer.

Decidido o caminho, e observado o centro da investigação, escolhemos os meios de percorrer e os detalhes a serem observados. Como era preciso que objetivássemos nosso olhar, selecionamos três obras centrais para a nossa pesquisa. *Hotel Atlântico* e *Berkeley em Bellagio* nos guiaram no primeiro capítulo da dissertação, e *Lorde* no segundo. Os primeiros foram escolhidos tanto pelas diferenças quanto por suas proximidades, de modo que pudéssemos observar na obra de Noll uma diferenciação trabalhada no decorrer de seus livros, assim como uma repetição de certas características que definiam a sua obra em um arco coerente, apontando uma produção na qual eram, tranqüilamente, agenciadas algumas procuras, desenvolvimentos. *Lorde* já foi selecionado por representar a maturação desse trabalho do autor, ou seja, por permitir-nos identificar nele os pontos altos, as últimas direções para onde o autor mira os seus livros.

Dentre o que foi selecionado para observarmos, definimos: a relevância da emergência e os usos da memória; a reinvenção de si mesmo; e a presença e os usos do corpo. Na figura do protagonista, procuramos, então, atentar para a manifestação desses direcionamentos, de forma que pudéssemos compreender como, na obra de Noll, a definição do sujeito estaria atrelada ao entendimento de como esses direcionamentos eram desenvolvidos.

Assim, no primeiro capítulo, após abordarmos a fala do autor, e apresentarmos as questões centrais sobre a personagem, assim como os livros escolhidos como objeto de estudo, voltamo-nos para a observação acurada do aparecimento da memória e de suas articulações com a reinvenção promovida pelas personagens dos dois livros, e depois para a presença e os usos do corpo, também nos livros escolhidos, procurando sempre uma comparação com outras obras de Noll com as quais pudéssemos enriquecer a leitura.

Esse primeiro capítulo serve de sustentação; é a base sobre a qual pousa o segundo. Neste, fazemos maiores intervenções. O trabalho é feito em cima de *Lorde*, trazendo as questões observadas no primeiro capítulo, e lendo-as em

conjunto com outros cruzamentos. Começamos por trazer a contribuição de Deleuze e Guattari, e do conceito de Corpo sem Órgãos, no modo como é por eles apropriado da obra de Antonin Artaud. Com este conceito, afinamos as noções de organismo e subjetivação, que passaram então a ser fundamentais para uma solidificação do solo teórico sobre o qual caminhávamos, trazendo as idéias de corpo e sujeito para um campo argumentativo mais amplo e melhor construído. Com isso, trouxemos a discussão sobre o sujeito, antes articulada somente sobre as bases da obra de Noll, para um lugar onde a noção de sujeito já se encontrava colocada por uma firme discussão filosófica. E com essa aproximação, fortalecemos as inferências levantadas no primeiro capítulo. Assim, pudemos construir um claro plano de ação do interior da obra, respaldado por uma reflexão filosófica fundamental para a compreensão da noção de sujeito que se estava construindo.

Na sequência, a revisão teórica de dois críticos da obra de Noll – Ítalo Moriconi e Reinaldo Laddaga – também foi essencial. Os analistas partem de fundamentos absolutamente diversos. Moriconi, partindo do cabedal teórico do pós-modernismo, e tentando situar a ainda breve obra de Noll no seu mapeamento do que considerava a literatura pós-moderna brasileira; e Laddaga, em um diálogo entre a fala do autor e a leitura próxima de dois romances, procurando responder à questão sobre o programa literário que se monta por trás dos livros. As duas leituras críticas, apesar das disparidades, acabam por se aproximar em uma mesma linha de leitura quando desenham um sentido de precariedade na obra do autor. Uma precariedade que se dissipa por vários campos da obra, como a da figura do sujeito, do seu corpo, da estrutura narrativa e da intersubjetividade, ou seja, das relações traçadas entre personagens.

Essa noção de precariedade serve como marco para uma outra interferência teórica, com David Lapoujade. No seu questionamento sobre o que pode o corpo – mas não qualquer corpo, e sim um corpo que não agüenta mais – a reflexão sobre a precariedade do corpo em Noll toma fôlego. A potência encontrada nesse corpo que não agüenta mais (tal como os das personagens de Noll), definida como a uma força do fraco, propõe a exposição ao fora, o embate com o sofrimento e a experiência limite como uma saída de resistência e crescimento. Assim, o corpo rastejante e precário da obra de Noll transforma-se no meio encontrado para operacionalizar a transformação do sujeito.

Na leitura de *Lorde*, constrói-se assim uma rede de cruzamentos onde podemos observar como as questões iniciais sobre memória, reinvenção e corpo vão se juntando e formando entroncamentos por onde as viagens das personagens de Noll se mostram como grandes reavaliações de um sujeito em construção, um sujeito em obra. E o corpo, longe de ser um duplo da precariedade em que se encontra o sujeito, aparece como o lócus escolhido por onde é possível a transformação. E mais, o corpo deixa de ser um suporte de ação do homem, mas um lugar de pensamento, meio de transgredir a racionalidade acachapante e uniformizada do homem, que Noll aponta como a responsável pelo definhamento da individualidade na condição humana.

A isso se soma a emergência do outro como o campo possível a que se abre esse sujeito em fragmentos da obra de Noll. O mundo externo ao qual é preciso se abrir compõe também o mistério do outro, tanto quanto o do mundo em si. E o atrito com esse outro é parte fundamental na reconstrução do sujeito.

É formulada, assim, uma nova noção de sujeito, que a obra de Noll expõe ao leitor. Um sujeito precário, despedaçado – que não deixa de representar a condição do homem atualmente –, mas que por meio da potência do corpo, expõe-se ao outro, ao fora, na esperança de reencontrar a si mesmo, ainda que transformado, reinventado. Daí a afirmação que procurávamos na obra de Noll. Pois, longe de apenas ressaltar a fratura da condição humana na contemporaneidade, a obra de Noll propõe a emergência de um novo indivíduo, um novo sujeito. Se fica clara a exposição da fratura desse homem, o seu desacordo com a realidade, entendemos também que ele não está confinado nessa situação. Ao contrário, procura as saídas para uma recuperação de sua individualidade sobrepujada pelo funcionamento cotidiano da sociedade. E mais, sabe que não o fará sozinho, e usa, desse modo, sua própria fratura, sua própria exposição ao externo de si, como ferramenta para reencontrar-se. Um reencontro que não pretende voltar ao início, mas reformular o que havia antes. Pois esse novo sujeito, não se quer morto nem pleno, como o homem moderno, tampouco pura fragmentação. Distante, ele se quer aberto ao outro, mesmo que ciente da impossibilidade de inteireza. Pois somente nesse atrito ele é capaz de renovar-se. Esse homem, que não é uma ilha, mas um homem em rede, em cruzamento, constantemente em construção, configura-se como um novo herói. O único capaz de amainar a tragédia, que Noll nos aponta, da impossibilidade de fundir-nos ao

outro e ao cosmos. É o herói que, no auge do seu esgotamento, da sua exposição às situações limites, nos permite vislumbrar uma porta por onde possamos escapar da ordenação cotidiana, da normalização que nos obriga a uniformizar-nos e esquecer a natureza de nossa humanidade. É o herói que nos restitui o desejo de voltarmos a ser – mas não no sentido de existir e estar aqui, e sim de estar existindo, do processo de existir – plenamente.